

“DOSSIÊ COVID-19”

“MOVIMENTO XINGU VIVO PARA SEMPRE” EM FACE DA COVID-19 NA ÁREA ATINGIDA PELA HIDROELÉTRICA BELO MONTE (PA): ARTICULAÇÕES, SOLIDARIEDADE E LUTA POLÍTICA NO INTERIOR AMAZÔNICO

“XINGU ALIVE FOREVER MOVEMENT” IN THE FACE OF COVID-19 IN THE AREA STRICKEN BY BELO MONTE (PA) HYDROELECTRIC: JOINTS, SOLIDARITY AND POLITICAL FIGHT IN THE AMAZONIAN INTERIOR

José Antônio Magalhães MARINHO¹, Daniela Soares da SILVA², Caio Felipe da Silva RODRIGUES³

Artigo recebido em 15/10/2020, aceito em 25/10/2020, publicado em 18/12/2020.

Palavras-chave:
Movimento Xingu Vivo;
Covid-19;
Lutas sociais;
Ações solidárias;
Médio rio Xingu (PA).

Keywords:
Xingu Alive Movement;
Covid-19;
Social struggles;
Solidarity actions;
Middle Xingu river (PA).

RESUMO

Nesse trabalho, tematiza-se a atuação do Movimento Xingu Vivo Para Sempre diante da pandemia da Covid-19 na área atingida pela hidrelétrica Belo Monte, no médio rio Xingu, Estado do Pará. Partindo de procedimentos de pesquisa qualitativa, aponta-se como esse movimento social reestruturou suas ações diante da pandemia, estabelecendo parcerias para exigir medidas de enfrentamento à Covid-19, participando de ações solidárias voltadas a grupos sociais vulneráveis e criando espaços virtuais de discussão acerca das questões ambientais/territoriais na Amazônia brasileira. Em face dessas ações, infere-se que o Movimento Xingu Vivo Para Sempre, de uma perspectiva geográfica, configura-se como um movimento socioespacial, cuja atuação é imprescindível numa área de grande projeto capitalista, marcada por diversas contradições sociais, aprofundadas pela pandemia.

ABSTRACT

In this work, it is thematized the performance of the Xingu Alive Forever Movement in the face of Covid-19 pandemic, in the area stricken by the Belo Monte hydroelectric, in the middle Xingu river, State of Pará. Based on qualitative research procedures, it is pointed out how this social movement restructured its actions in the face of the pandemic, establishing partnerships to demand measures to confront Covid-19, participating in solidarity actions aimed at vulnerable social groups and creating virtual spaces for discussion about environmental/territorial issues in the Brazilian Amazon. In view of these actions, it is inferred that the Xingu Alive Forever Movement, from a geographical perspective, is configured as a socio-spatial movement, whose performance is essential in an area of great capitalist project, marked by several social contradictions, deepened by the pandemic.

¹ Doutor em Ciências (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2019). Professor da Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira. E-mail: josemarinho@ufpa.br.

² Graduanda em Geografia da Universidade Federal do Pará (2017), Campus de Altamira, e ativista do Movimento Xingu Vivo Para Sempre. E-mail: danisilva-atm@hotmail.com.

³ Graduando em Geografia da Universidade Federal do Pará (2018), Campus de Altamira. E-mail: caiohellypedejesus@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

As organizações e movimentos sociais tornaram-se sujeitos característicos nas áreas de grandes projetos capitalistas na Amazônia. Nos municípios do médio rio Xingu (Altamira, Brasil Novo e Vitória do Xingu), Estado do Pará, onde foi instalada nesse começo do século XXI (2010-2019), a maior hidrelétrica eminentemente brasileira, a usina hidrelétrica Belo Monte, esses sujeitos sociais não só exerceram forte contraponto à efetivação do projeto hidrelétrico, como passaram a assistir, orientar e mobilizar os povos/grupos atingidos pelo empreendimento na busca de direitos e cidadania.

Entre esses sujeitos sociais, destaca-se o Movimento Xingu Vivo Para Sempre (MXVPS). Criado em 2008, o Xingu Vivo, como é mais conhecido, formou-se num contexto espaço-temporal de fragmentação das lutas políticas no médio Xingu, em face da efetivação da usina Belo Monte. Nesse processo, o Xingu Vivo emerge congregando o(a)s opositore(a)s à hidrelétrica, com apoio da Prelazia do Xingu, e tendo à frente Antônia Melo, uma liderança histórica na luta contra a construção de barragens no rio Xingu.

Com a instalação da usina Belo Monte e a intensificação das contradições sociais decorrentes desse processo, o Xingu Vivo amplia sua atuação, abarcando a defesa de direitos humanos na cidade e no campo, a luta por direitos territoriais de indígenas e camponeses ribeirinhos expropriados pela hidrelétrica e a luta contra outro grande projeto capitalista previsto para ser instalado no médio Xingu, o projeto de mineração Belo Sun, cujo licenciamento encontra-se temporariamente embargado na justiça.

Com a chegada da pandemia da Covid-19 ao médio Xingu, agravaram-se as condições de sobrevivência de povos/grupos sociais já fragilizados pela instalação da usina hidrelétrica. Na cidade de Altamira, o distanciamento/isolamento social imposto para retardar o avanço da pandemia inviabilizou as atividades informais de muitas famílias atingidas por Belo Monte, confinando-as em reassentamentos urbanos distantes dos serviços públicos e do rio Xingu, onde muitas pescam para sobreviver. Ao mesmo tempo, esvaziou feiras e mercados populares, onde os produtos agroextrativistas são comercializados, prejudicando também as comunidades rurais.

Nesse quadro, como o movimento Xingu Vivo se reestruturou para continuar atuando junto aos povos/grupos atingidos pela usina Belo Monte? Que articulações e iniciativas foram possíveis implementar? Tais questões são tematizadas sucintamente nesse trabalho, que objetiva mostrar a importância socioespacial do Xingu Vivo e também de outras organizações sociais que atuam na área atingida pela usina Belo Monte. Para subsidiar a abordagem, utilizaram-se procedimentos de pesquisa qualitativa, com a realização de levantamento de material bibliográfico e documental, além de informações obtidas via contato direto com ativistas que fazem parte do movimento.

2. METODO

Os movimentos e organizações sociais que atuam no médio rio Xingu, desde Altamira (Figura 01), chamam a atenção do autor principal desse artigo, desde seu doutorado quando estudou as lutas camponesas em face da implantação do projeto hidrelétrico Belo Monte. Nesse artigo, em particular, utilizaram-se informações obtidas no âmbito do projeto “Estudos sobre as ações dos movimentos socioterritoriais/socioespaciais na área da UHE Belo Monte, Pará (2008-2020)”⁴, vinculado à Universidade Federal do Pará, e ainda em fase de execução.

Nesse projeto, os procedimentos de pesquisa qualitativa vêm sendo privilegiados (Grimberg & Dorfman, 2016; Silva & Silva, 2016). Assim, o presente artigo apoia-se nas contribuições de autores que discutem os movimentos sociais desde uma perspectiva geográfica (Fernandes, 2005; Pedon, 2013), assim como em informações obtidas mediante levantamento de material documental nos sites da Organização Mundial de Saúde (OMS), da Prefeitura Municipal de Altamira e nos endereços digitais do movimento Xingu Vivo, além de informações obtidas de ativistas do movimento estudado via WhatsApp. Os resultados alcançados com a sistematização e interpretação do material obtido são apresentados na seção a seguir.

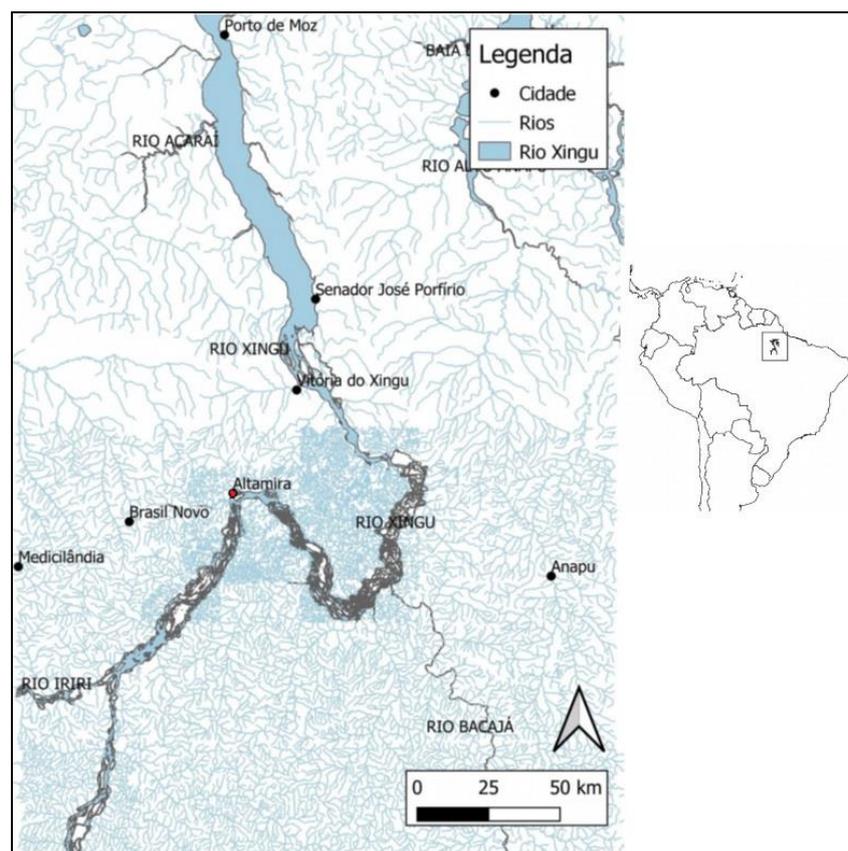


Figura 01 - Médio rio Xingu, com a localização da cidade de Altamira
Fonte: De Francesco, 2020, p. 22.

⁴ Este projeto conta com apoio da PROPESP/UFPA.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A covid-19, doença infecciosa que desde o início de 2020 dissemina-se velozmente pelo mundo, sendo reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia em 11 de março de 2020 (OPAS, 2020), espalhou-se pelo Brasil de Norte a Sul, infectando no período 03 de janeiro a 07 de outubro de 2020, 4.927.235 de pessoas e levando a óbito 146.675 indivíduos (WHO, 2020).

Com isso, medidas de distanciamento/isolamento social tornaram-se estratégias essenciais para frear a difusão da pandemia, desencadeando, por sua vez, uma verdadeira “subversão da relação casa-cidade”, na qual as “atividades da vida cotidiana passam a se realizar dentro da casa e não mais a partir da casa como o nó que liga e de onde se criam e se direcionam os fluxos cotidianos” (Carlos, 2020, p. 12).

Em Altamira, no interior amazônico, essa subversão da vida cotidiana começou efetivamente em março de 2020, quando o prefeito, acompanhando as primeiras medidas do governo do Pará, começa a editar decretos de suspensão parcial e/ou integral de atividades em geral, na esfera pública e privada. Em 28 de maio de 2020, essas restrições foram radicalizadas com a suspensão total de atividades não essenciais e circulação de pessoas e veículos particulares (*LOCKDOWN*) no município, atendendo à decisão judicial liminar resultante de ação movida pelo Ministério Público do Estado do Pará (MPE), Defensoria Pública do Estado (DPE) e Defensoria Pública da União (DPU), devido ao avanço da pandemia e à insuficiência das estruturas de saúde para atender a população.

Nesse contexto pandêmico, o Xingu Vivo foi forçado a readequar suas estratégias de atuação, de maneira que seus integrantes também tiveram de desenvolver grande parte de suas ações a partir da casa. Com isso, as reuniões e incidências institucionais (contatos e denúncias ao Ministério Público, DPU, DPE, etc.) passaram a ser feitas de forma online. E, via telefone, o movimento buscou manter suas articulações com povos/grupos sociais atingidos pela usina Belo Monte, preocupado com questões relativas a direitos humanos, negação de políticas públicas, conflitos territoriais, ameaças às lideranças e agora também, com o avanço da Covid-19, como afirmou Antônia Melo em entrevista a Carneiro (Carneiro, 2020).

Dessa maneira, além da dimensão operacional, a pandemia apresentou novas demandas ao Xingu Vivo, levando este movimento a estabelecer parcerias com outros movimentos/organizações sociais para exigir medidas de enfrentamento à Covid-19 dos agentes públicos e para promover ações informativas e solidárias junto a grupos/comunidades em situação extrema vulnerabilidade social, sem perder de vista a luta política em uma complicada conjuntura para a Amazônia, em que povos originários, quilombolas e grupos camponeses em geral, encontram-se constantemente pressionados pelo avanço do agro(hidro)negócio, da mineração, da grilagem de terras e do desmatamento.

Em relação ao enfrentamento da pandemia, o Xingu Vivo em parceria com mais 33 movimentos/organizações sociais elaboraram e divulgaram um documento intitulado “Carta das organizações

sociais sobre o COVID 19 em Altamira”, exigindo do poder público (executivo e legislativo em suas várias instâncias) e da empresa concessionária da usina Belo Monte, a Norte Energia S/A (NESA), medidas emergenciais, de curto, médio e longo prazo para enfrentar a pandemia. Na carta, entre outros pontos, os sujeitos sociais exigiam ações de ampliação e reforço do Hospital Regional Público da Transamazônica e das Unidades Básicas de Saúde (UBS) em Altamira, apoio e segurança alimentar às populações atingidas pela usina Belo Monte, além de agilidade da NESA para reassentar indígenas e camponeses em Território Ribeirinhos, às margens do Xingu, como definido no licenciamento da usina, mas postergado sistematicamente pela empresa por mais de quatro anos (MXVPS, 2020a).

Ainda no âmbito da parceria com outros movimentos/organizações sociais, o Xingu Vivo atuou em projeto coletivo solidário visando angariar recurso para aquisição de produtos de limpeza, higiene e cestas básicas para serem distribuídos a famílias em situação de extrema vulnerabilidade social, tanto em Altamira, como em áreas ribeirinhas do médio rio Xingu, abarcando também os municípios de Brasil Novo e Vitória do Xingu. Essa campanha intitulada “Vaquinha Solidária”, feita na internet, nos três primeiros meses, possibilitou a distribuição de 3.552 cestas básicas a 1.184 famílias. Na composição dessas cestas, vale destacar, buscou-se incorporar não apenas mercadorias industrializadas, mas também produtos oriundos da agricultura familiar local, trazendo renda a famílias camponesas (Carneiro, 2020).

Por outro lado, o Xingu Vivo não abdicou de sua atuação política. Mesmo em face do distanciamento/isolamento social imposto pela pandemia, organizou novos espaços de discussão/informação utilizando plataformas digitais. Um desses espaços é o “Podcast Banzeiro”, produzido a partir de julho de 2020, para tratar de assuntos relevantes para os povos do médio rio Xingu, já contando com oito episódios. No primeiro episódio, tratou dos *royalties* ou Compensação Financeira pelo Uso dos Recursos Hídricos (CFURH) da usina Belo Monte. A discussão foi com a antropóloga Ana de Francesco, do Instituto Socioambiental (ISA), que respondeu a indagações e chamou a atenção para o fato de o uso dos *royalties* da usina não está regulamentando, inexistindo clareza acerca da alocação desses recursos por parte da prefeitura de Altamira (MXVPS, 2020b).

Outro espaço de debate criado pelo Xingu Vivo foi a *live* “Amazônia em conflito: quem põe preço e quem dá valor”, que discutiu a resistência dos “povos da floresta” contra o avanço do garimpo ilegal, da grilagem de terras públicas e do desmatamento e invasão de terras indígenas e unidades de conservação, com a participação de Maria Leusa Munduruku, da Associação de Mulheres Wakoborun no Alto Tapajós, Hugo Loss, da Associação Nacional dos Servidores da Carreira em Meio Ambiente (ASCEMA), Josefa de Oliveira, do Movimento Xingu Vivo e do Conselho Ribeirinho do Xingu, tendo a mediação de Verena Glass, jornalista do Movimento Xingu Vivo (MXVPS, 2020c).

A partir dessas ações, verifica-se que o Xingu Vivo, mesmo em tempos de pandemia, continuou envolvido com articulações e lutas sociais diversas, numa área de grande projeto capitalista no interior amazônico, marcada por profundas desigualdades socioespaciais e conflitos territoriais que ameaçam a reprodução social de indígenas e grupos camponeses, situação que já separou compulsoriamente parte desses povos/grupos sociais de suas bases (i)materiais de reprodução, expulsando-os para áreas urbanas, como a cidade de Altamira (De Francesco, 2020; Marinho, 2019), onde encontram a miséria e ficam à mercê de toda sorte de violência e agora também, da pandemia da covid-19.

Nessa perspectiva, a atuação do Xingu Vivo apresenta uma dimensão geográfica marcante, que se concretiza ao lado e com povos/grupos sociais que lutam pela manutenção de formas de apropriação do espaço/território diversas às políticas territoriais e à racionalidade econômica capitalista que avançam sobre a Amazônia nessas primeiras décadas do século XXI, sendo possível compreender esse movimento social como um movimento socioespacial (Fernandes, 2005; Pedon, 2013), ou seja, como um sujeito que atua sobretudo na criação de espaços políticos, mobilizando, dando voz e mediando ações de outros agentes que lutam para (re)conquistar ou defender suas terras/territórios.

4. CONCLUSÕES

No decorrer desse trabalho, indicou-se de forma breve, como o Movimento Xingu Vivo Para Sempre, que atua na área atingida pela usina Belo Monte, no Pará, reestruturou suas atividades em face da pandemia da Covid-19, continuando suas ações ao lado de povos/grupos sociais atingidos pela instalação dessa usina hidrelétrica. Neste sentido, por um lado, em parceria com outros movimentos/organizações sociais da região, passou a exigir medidas de enfrentamento à pandemia dos entes públicos e da empresa NESA, bem como atuar em projetos coletivos solidários direcionados a famílias em situação de extrema pobreza, na cidade de Altamira e nas áreas ribeirinhas do Xingu. Por outro lado, o Xingu Vivo produziu novas formas de continuar sua incidência institucional e articulações políticas, criando novos espaços políticos de discussão/informação, através de *Podcast* e *Live*.

Diante dessas ações, infere-se que o Xingu Vivo constitui um movimento socioespacial da maior relevância na área atingida pela usina hidrelétrica Belo Monte, onde povos/grupos sociais impactados ainda lutam por direitos territoriais e por cidadania. Ao atuar junto a esses sujeitos sociais, o Xingu Vivo contribui para construção de geografias contra-hegemônicas no interior amazônico, um tema que ainda demanda mais atenção da parte dos geógrafos, sobretudo numa conjuntura em que indígenas e camponeses da Amazônia tornam-se objetos de ataques infundados, inclusive de políticos alinhados a interesses de agentes econômicos que realmente desmatam, queimam, grilam terras públicas, destroem e poluem os rios da região.

5. REFERÊNCIAS

- Carlos, A. F. A. (2020). "Revolução" no cotidiano invadido pela pandemia. In: A. F. Carlos (org.). *COVID-19 e a crise urbana* (pp. 10-17). São Paulo: FFLCH/USP.
- Carneiro, C. (Locutora). (2020, 20 de setembro). Podcast Coletivo Amazônia Centro do Mundo, com um relato sobre a vida das comunidades ribeirinhas do Xingu neste difícil tempo de pandemia [Áudio Podcast]. Recuperado de <https://www.facebook.com/watch/?v=652091702107257>.
- De Francesco, A. A. (2020). Terror e resistência no Xingu. (Tese de Doutorado). Obtido em <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/350209>.
- Fernandes, B. M (2005). Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais [Socioterritorial movements and socio-spatial movements: theoretical contribution to a geographical reading of social movements]. *NERA*, 8 (6), 24-34.
- Grimberg, D. de S.; Dorfman, A. (2016). Imaginação geográfica e análise de notícias como fonte em pesquisas em Geografia. In: A. L. Heidrich & C. L. Z. Pires (Orgs). *Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura* (pp. 271-286). Porto Alegre: Editora Letra1.
- Marinho, J. A. M (2019). As lutas camponesas e o cercamento do médio rio Xingu (PA): a construção da hidrelétrica Belo Monte. (Tese de Doutorado). Obtido em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-19122019-163007/es.php>.
- Movimento Xingu Vivo Para Sempre (MXVPS) (2020a). COVID 19 em Altamira: restrições são inócuas frente a falta da ação, afirmam movimentos sociais. Disponível em: <https://xinguvivo.org.br/2020/03/26/covid-19-em-altamira-restricoes-sao-inocuas-frente-a-falta-de-acao-afirmam-movimentos-sociais/>. Acesso em 23 de maio de 2020.
- Movimento Xingu Vivo Para Sempre (MXVPS). (2020b) Banzeiro, o novo podcast do Movimento Xingu Vivo. Disponível em: <https://xinguvivo.org.br/2020/07/31/o-projeto/>. Acesso em 01 de outubro de 2020.
- Movimento Xingu Vivo Para Sempre (MXVPS). (2020c) Debate Amazônia em conflito: quem põe preço e quem dá valor – a disputa entre os predadores e os povos da floresta. Disponível em: <https://xinguvivo.org.br/2020/06/19/debate-amazonia-em-conflito-quem-poe-preco-e-quem-da-valor-a-disputa-entre-os-predadores-e-os-povos-da-floresta/>. Acesso em 02 de set. de 2020.
- Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) (2020) Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.
- Pedon, N. R. (2013). *Geografias e Movimentos Sociais: dos primeiros estudos à abordagem socioterritorial*. São Paulo: Editora Unesp.
- Silva, E. A; Silva, J.M (2016). Ofício, Engenho e Arte: inspiração e técnica na análise de dados qualitativos. In: Heidrich, A. L.; Pires, C. L. Z. (orgs). *Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura* (pp. 301-328). Porto Alegre: Editora Letra1.
- World Health Organization (WHO) (2020) WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>. Acesso em: 10 out. de 2020.